

LETRAS

Saudemos a vitória de Alvaro Lins e Afrânio Coutinho no concurso para a cadeira de Literatura do Pedro II; e mesmo tiremos dela um motivo de orgulho de classe — se vocês me permitem pegar uma beirada nessa classe dos intelectuais, tão mal falada. Eu me refiro ao esforço imenso que esses dois homens — ambos de nome feito e cultura formada — foram obrigados a fazer para pegar empregos tão modestos, ainda que tão honrosos. Neste país que é o Reino das Facilidades, em que qualquer bom sujeito de repente vira estadista ou técnico em qualquer coisa — erossão, bem-estar social, urbanismo, cinema, ou filosofia do pingue-pongue — é comovente saber que Alvaro e Afrânio precisaram rever e aprofundar toda a longa matéria de seu ofício e passar, depois, provas árduas e extenuantes para ter o direito de ensinar literatura aos rapazes do internato e do externato do Pedro II. Se fizessemos a mesma experiência em outros setores, quantas sumidades não perderia o Brasil do dia para a noite!

Não conheço o sr. Vieira Souto, que ficou em quarto lugar, com um honroso número de pontos, mas mando o meu abraço a esse péssimo fazedor de concursos, dono de uma cultura completamente rara em sua idade, que é Celso Cunha, o terceiro colocado.

Já que falamos de literatos, digamos que Anibal Machado soprou trefegamente, entre filhas, netos e amigos, 57 velas de um bolo de aniversário, e Luis Jardim val fazer 50 anos. Que Manuel Bandeira andou sofrendo por causa de um cálculo (se fôsse o Schmidt resolvia logo, disse Ledo Ivo) e que José Olímpio está completando 20 anos de editor, durante os quais deu à luz as obras mais variadas da direita, da esquerda, do centro e do subsolo. Mas já que falei em Bandeira — porque o jornal comunista insiste nessa calúnia mesquinha e tola de dizer que ele fez agora, para ser cantada (para o adido militar norte-americano!) como hino "entreguista", uma letra que na verdade é um "monstro" de Vilas Lobos que ele ajeitou há muitos anos, quando o maestro tentava fazer canções brasileiras para substituir algumas estrangeiras que são cantadas aqui? O que desperta a raiva do subliterato vermelho que inventou essa bobagem; o que o desgosta e ofende em Manuel — será a altura do poeta ou a dignidade do homem? Afinal de contas ninguém é (por enquanto) obrigado a ter uma ficha como o sr. Fiúza ou a fazer versos como o sr. Aydano do Couto Ferraz...

R. B.

MLR/51